

VALOR DO ENSINO DE ESCRITA DE SINAIS PARA O SUCESSO DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS

ALVES, Kledson de Albuquerque
Prof.º LIBRAS na E.M. de E. Infantil e Ens. Fund. Bilíngue para Surdos Pe.
Edwards Caldas Lins
kledson.bear@gmail.com

MEDEIROS, Maria Gorete de
Profa. Me. Unidade Acadêmica de Educação da UFCG
medeiros.gorete@yahoo.com.br

CABRAL, Maria do Socorro Leal
Professora da EDAC¹
mscoca@ig.com.br

RESUMO

A lei 10.436, reconhece a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como Língua dos surdos; suscita intervenções que promovem a LIBRAS; determina a Educação Bilíngue² e requer intensificação de esclarecimentos (aos professores e aos alunos das licenciaturas) sobre a importância do ensino e aprendizagem da LIBRAS na educação básica. Este artigo esclarece a importância do ensino da Escrita de Sinais em propiciar avanços quanto: à compreensão do aspecto estrutural da LIBRAS; à organização cognitiva sobre o mundo; à habilidade de expressar ideias pela construção de textos coesos e coerentes; à aprendizagem da escrita em Língua Portuguesa. Pela pesquisa bibliográfica, foram utilizadas contribuições de autores, como DALLAN (2009),

¹ EDAC corresponde a Escola Estadual de Audiocomunicação Demóstenes Cunha Lima, escola especial para alunos surdos de Campina Grande-PB.

² A Educação Bilíngue proposta para surdos surgiu na década de 1980. Esta linha teórica defende que o aprendizado da Língua de Sinais (LS) deve preceder o da Língua Oral (LO), utilizada na comunidade à qual o surdo pertence. Nesta proposta a LS é reconhecida como L1, ou primeira Língua dos surdos, e a LO como L2 ou segunda Língua dos surdos.

QUADROS (2000), KLIMSA SAMPAIO e KLIMSA FARIAS (2011), NETA e FARIA (2009) e LOUREIRO (2004). Esses esclarecimentos ajudam aos profissionais de ensino em saberem que, assim como a Escrita em Português é imprescindível aos alunos ouvintes a Escrita de Sinais também o é aos alunos surdos.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita de Sinais. Ensino Bilíngue. Aprendizagens.

Introdução

No Brasil, em 24 de abril de 2002, foi regulamentada a lei 10.436 que reconhece a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como Língua dos surdos. Esse reconhecimento firmou o apoio legal que a Educação Bilíngue estava precisando para alargar os espaços de luta que os surdos brasileiros precisam para reivindicar seus direitos linguísticos e culturais. Surgida em 1980, a Educação Bilíngue propõe que o ensino e a aprendizagem da Língua de Sinais (LS) devem anteceder ao ensino e à aprendizagem da Língua Oral (LO). Assim, a LS é reconhecida como L1, ou primeira Língua dos surdos, e a LO como L2 ou segunda Língua dos surdos.

Resultados de pesquisas realizadas na área da neuropsicologia cognitiva advogam que a Escrita de Sinais deve ser a primeira língua escrita dos alunos surdos que usam a LS. Também defendem que esse sistema de escrita (como um sistema simbólico cheio de significados) é uma excelente ferramenta para potencializar o desenvolvimento das funções psicológicas dos alunos surdos e, também, se constitui num eficiente meio de aproximação destes ao Sistema de Escrita Alfabética (SEA). Sob essa perspectiva, a Escrita de Sinais, internacionalmente reconhecida como sistema Sign Writing, tem se constituído numa alternativa interessante para que os surdos usem e dominem um sistema de escrita que lhes seja significativo e específico.

O Sistema de Escrita Sign Writing tem sido cada vez mais utilizado em pesquisas e em alfabetização/letramento de pessoas surdas (vide o site Sign Writing www.signwriting.org). Neste assunto, a pesquisadora surda brasileira Marianne Rossi Stumpf tem se evidenciado no desenvolvimento de estudos que expliquem as

principais características do sistema Sign Writing. Acredita-se ser relevante o ensino da Escrita de Sinais aos alunos surdos porque sua respectiva aprendizagem também contribui para que este evolua seus conhecimentos quanto à LIBRAS e a Língua Portuguesa, além de alcançar benefícios quanto ao modo de compreender o mundo e a capacidade de expressar ideias através da elaboração de textos coesos e coerentes.

Na intenção de ofertar esclarecimentos ao professorado de educação básica, o corpo deste artigo constará inicialmente de informações que se relacionam à possibilidade de representação gráfica da língua como sistema específico. Depois desenvolverá reflexões sobre o sistema Sign Writing como recurso de representação da LS, ressaltando os benefícios que a experiência pedagógica com Escrita de Sinais oferece ao desenvolvimento cognitivo e linguístico do aluno surdo.

1 Possibilidade de representação gráfica da língua como um sistema específico

Ao contrário do que se pensou por muitos séculos, a LS não é ágrafa, significando que, como as outras, esta modalidade de língua também possui um sistema de escrita que lhe corresponde. Contudo, assim como outras LS, a LIBRAS ainda não possui um sistema de escrita extensamente seguido, mesmo que no Brasil existam algumas propostas como a Sign Writing³ que estão sendo adotadas em algumas escolas e publicações de artefatos literários surdos.

Na ausência de uma escrita própria, a LIBRAS tem sido transcrita através de palavras em português, desde que correspondam ao significado dos sinais em questão. Assim, para indicar que a palavra em português corresponde a um sinal da LIBRAS, esta é grafada convencionalmente em letras maiúsculas.

Referindo-se à escrita da língua oral ou da língua gestual-visual, Dallan (2009) respalda-se em Vygotsky (1998b) para ressaltar o conceito da escrita como um simbolismo da linguagem falada e/ou gestual. Partindo desta ideia, enfatiza que a aquisição da língua escrita primeiro necessita da linguagem falada/sinalizada para ser

³ Este é o sistema de escrita procedente do registro gráfico da Língua de Sinais Americana (ASL), mas que pode ser um recurso muito bom para a representação da LIBRAS.

produzida e compreendida. Assim, num processo gradual, a criança ouvinte, vai deixando de utilizar a fala na produção da escrita alfabética e a surda vai deixando de utilizar o sinal para produzir a escrita dos sinais. Quando ambas ficam independentes desse esforço de ouvir o som e/ou de olhar o sinal para representá-los, numa e na outra escrita, pode-se dizer que elas já absorveram a prática de utilizar a escrita sob o caráter de simbolismo direto, passando a ser concebida como representação da fala/sinal.

Para Stumpf (2005, *apud* BART, 2008) também as crianças surdas precisam representar sua fala pela escrita dos sinais que usam para se comunicar. Dentre os benefícios que isto lhes ocasiona está o fato de melhorar o desenvolvimento cognitivo, através da aprendizagem da representação escrita da sua língua visual-espacial, uma vez que, quando aprende a ver sua língua como um sistema específico, entre outros, o aluno surdo passa a compreender seus fenômenos inclusos em categorias mais gerais, lhe proporcionando consciência das operações linguísticas.

Considerando que, apropriar-se do conhecimento metalinguístico de uma língua requer que o sujeito reflita sobre ela, pode-se reconhecer que a possibilidade de ler e de escrever em sinais permite ao aluno surdo colocar-se “fora” da LIBRAS para poder observá-la. Sob esta ótica, concorda-se plenamente com Quadros (2000) quando esta assevera que, para não continuarem reproduzindo iletrados em sinais, há uma necessidade urgente de as escolas para surdos assumirem posicionamento no sentido de possibilitar ao aluno o desenvolvimento da construção da linguagem escrita na LIBRAS. Daí porque a leitura deste artigo é relevante para o professorado que atua na educação básica do ensino fundamental.

2 Sign Writing como recurso de representação simbólica da LIBRAS

Baseando-se nas contribuições de Klimsa Sampaio e Klimsa Farias (2011), pode-se informar que no território brasileiro o uso do sistema Sign Writing despontou em 1996, quando o Dr. Antônio Carlos da Rocha se deparou com esse sistema de escrita, através do computador, e criou um grupo de trabalho junto a outras pessoas

interessadas, das quais se destacaram a Professora Surda Marianne Stumpf e a Professora Marcia Borba. Esta última se encarregou da parte da pesquisa relacionada à computação e Stumpf trabalhou com a Escrita de Sinais em algumas turmas da Escola Especial Concórdia, em Porto Alegre. Como resultado, hoje algumas outras instituições brasileiras já adotam o sistema de Escrita de Sinais, inclusive o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), que já disponibiliza obras escritas em Sign Writing.

Graças aos esforços dispendidos por esses brasileiros, hoje qualquer interessado em realizar produções em Escrita de Sinais pode ter acesso ao dicionário no Sign Writing. Além disto, a LS pode ser escrita sob a ajuda de um software denominado de SW-Edit⁴. Quem estiver interessado em ler obras literárias escritas em Sign Writing pode fazer isto através do acesso a links, que as disponibilizam, ou adquiri-las nas livrarias. Também quem estiver interessado em desenvolver produções textuais em Escrita de Sinais pode fazer isto através da utilização do SW-Edit, que pode ser instalado no seu computador.

3 Benefícios de experiência pedagógica com Escrita de Sinais

A experiência pedagógica com a escrita dos sinais propicia à criança surda descobrir o mundo através da sua língua, bem como melhor compreender o aspecto estrutural da sua LS. Daí porque é fácil concluir que é na lógica da LIBRAS que a criança surda alcança a organização cognitiva sobre o mundo. Mediante esse dado, é indiscutível a constatação de que é importante que nas escolas bilíngues para surdos a criança surda seja alfabetizada em Escrita de Sinais, uma vez que isto lhe possibilita ler sinais, enquanto representação da língua que usa por possuir uma natureza surda.

É interessante ressaltar que a dessemelhança da produção escrita do surdo em relação à produção de um ouvinte está apenas na estrutura da escrita, pois no ponto de vista conceptual não há distinção, já que “o ato de conceber mentalmente desenvolve uma linha de raciocínio que é idêntica à da escrita da língua portuguesa”

⁴ O download desse programa pode ser realizado mediante acesso ao link <http://www.signwriting.org/downloads/>

(NETA e FARIA, 2009). Para ratificar essa conclusão, as referidas autoras se remetem a Vygotsky (1998) quando este revela a constatação de que, se as palavras concorrem para a existência do pensamento, “um pensamento estruturado em LIBRAS implicará uma escrita diversa daquela permeada pela oralidade” (NETA e FARIA, 2009).

Respaldando-se no apoio de Dallan (2009), pode-se dizer que, quando o ato de escrever ocorre sob o uso de um sistema de escrita que é harmonizável com os aparelhos sensoriais que o escritor possui para interatuar com o mundo, o resultado da escrita é diferente. Isto significa que, a dificuldade que o surdo tem de estabelecer a clareza do que escreve em língua portuguesa é substituída pela facilidade com que é capaz de estabelecer as relações de coesão e de coerência que organizam o texto produzido através do sistema de escrita que representa a sua LS.

Lançando mão dos esclarecimentos de Capovilla (2001, vol. 2), Dallan remete o conhecimento para a aplicação da Escrita de Sinais, afirmando que

a aquisição da escrita em língua de sinais pode favorecer ao aluno com surdez a aquisição de novos mecanismos para abstrair e teorizar sobre o mundo que o cerca, uma vez que a escrita complementa os conhecimentos já construídos no discurso do sujeito em suas interações, socialmente. (DALLAN, 2009).

Aos ouvintes, a aquisição da Escrita de Sinais também pode ser útil na medida em que pode ajudá-los a apreender mais facilmente a LS, uma vez que ao traçar cada sinal precisa pensar em cada parte mínima que lhe constitui. Além disto, “vem a facilitar a organização de um material de consulta posterior” (DALLAN, 2009, p. 09).

Explicitando a importância da Escrita de Sinais, Dallan (2009) diz que a representação gráfica da LS contribui expressivamente para o processo de desenvolvimento e expansão desta língua, já que abre diferentes oportunidades em seus aspectos discursivos e/ou modalidades de utilização. Isto equivale dizer que,

um sistema escrito compatível com uma língua visual-gestual possibilita aos usuários se constituírem como sujeitos letrados,

permitindo o desenvolvimento da consciência linguística dos usuários desta e auxiliando na produção de sentidos que o escritor e o leitor tecem sobre os efeitos discursivos inclusos nos textos produzidos. (DALLAN, 2009, p. 10).

Dallan (2009) reconhece o valor do sistema Sign Writing na escolarização quando diz que este pode completar o processo educacional do aluno surdo, uma vez que facilita à ampliação do seu conhecimento de mundo na medida em que propicia o uso de materiais escritos liberados como complemento ao Atendimento Educacional Especializado (AEE⁵) em LIBRAS, bem como para o próprio ensino desta língua. Seguidamente, a autora faz uma ressalva, quando sugere que não é bom misturar o ensino de Sign Writing com palavras em língua portuguesa, pois esta é uma confusão teórica que deve ser evitada, já que as duas línguas são incompatíveis no que concerne à compreensão da sua representação gráfica.

A respeito da mistura, entre o ensino de Sign Writing com palavras em língua portuguesa, Fernandes (2008, *apud* DALLAN, 2009) declara que na Educação Bilíngue⁶ a prática já comum de introduzir a LS apenas como meio para se chegar à língua portuguesa deve ser abandonada. A autora faz esta chamada pautando-se na ideia de que, se a proposta de escrita da LIBRAS se dirige à ampliação e à reflexão sobre a LS, significa que não se pode considerar o processo de sinalização escrita como mais um método para possibilitar ao aluno surdo a expansão do seu vocabulário em língua portuguesa.

Na perspectiva de Educação Bilíngue, torna-se função da escola, em um primeiro momento, ensinar a LS ao aluno surdo, uma vez que a aquisição da Língua

⁵ O Ministério da Educação, por meio da Secretária de Educação Especial, criou o Programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais (S.R.M.), instituído pela Portaria nº 13 de 24 de abril de 2007. O Programa tem como finalidade a disponibilização dessas salas e visa apoiar as redes públicas de ensino na organização e na oferta do AEE. Deste modo, nas escolas regulares de ensino os alunos surdos e os que são portadores de diferenças físicas e mentais também são atendidos numa sala que contém equipamentos específicos a cada necessidade, também, pessoas especializadas em cada diferença para reforçar a aprendizagem dos mesmos. Esta sala é denominada de AEE.

⁶ Educação bilíngue corresponde àquela que deve ser praticada sob a perspectiva de ensinar ao aluno surdo as duas línguas (oral na modalidade escrita e a de sinais), sendo que a aprendizagem da LIBRAS precisa ser alcançada mediante o ensino desta língua como a primeira dos surdos, e a aprendizagem do português escrito como a segunda língua dos surdos, ou a língua estrangeira desses alunos no seu país.

Portuguesa escrita, como segunda língua, somente deverá acontecer quando este sujeito já tiver domínio e fluência na sua primeira língua. Assim, para que o aluno aprenda que a função da escrita é representar simbolicamente uma língua, primeiro precisa experimentar a escrita da LS, pois “há que se considerar que a criança surda não pode construir a modalidade escrita da língua majoritária à qual está submetida pela via da oralidade, ou correlacionando aspectos da oralidade com outros da escrita.” (FERNANDES, 2006, *apud* (DALLAN, 2009, p. 08)

Alves (2013) reporta-se à pesquisadora Surda Stumpf (2007) para dar mais ênfase à importância da Escrita de Sinais para a Educação Bilíngue, quando esta admite que

a escrita visual direta da língua de sinais SignWriting pode levar ao bilinguismo pleno. Enquanto isso, pelas dificuldades de ensinar que apresenta e a necessidade que representa como instrumento de inserção social, o português escrito poderá contar com um referencial linguístico consistente na L1 que possibilitará trabalhar a L2 com propriedade. (STUMPF, 2007: 14. *apud* PONTIN e SILVA, 2010).

Assim, sob a influência das contribuições de Stumpf, Alves (2013) também reconhece o valor da Escrita de Sinais/sistema Sign Writing, enquanto representação gráfica da LIBRAS, ressaltando que, quando o professor pode trabalhar inteiramente com a LS (também incluindo a sua representação escrita) há um expressivo aumento na possibilidade de ser aplicada a pedagogia surda no sistema de ensino brasileiro.

4 Escrita de Sinais e aprendizagem de língua portuguesa

Reportando-se à investigação do processo de apropriação da escrita da LS e escrita da língua portuguesa, realizada por Loureiro (2004), Dallan e Mascia (2012), pode-se afirmar que os resultados desse estudo ressaltam que, durante a experiência em que os alunos interagiram com a comunicação escrita em sinais e em português, houve a apropriação da Escrita de Sinais,

envolvendo a capacidade de criação e reprodução mais significativas tanto na elaboração da comunicação através da LIBRAS (L1) como sua representação escrita seguindo as construções gramaticais envolvidas nos níveis linguísticos, ressaltando a reflexão sobre a complexidade da LIBRAS. (LOUREIRO, 2004, p. 137, *apud* DALLAN e MASCIA, 2012, p. 34).

Loureiro (2004) concluiu que, além de ser instrumento apto a entremear a aprendizagem da língua portuguesa escrita,

[...] a escrita dos sinais traz, além de benefícios de aumento do vocabulário, conceitualizações (*sic*), decodificações, favorece a construção textual coerente e ainda estimula a busca de novos conhecimentos via ambientes digitais para leitura e posterior campo de registros utilizando a escrita dos sinais própria dos Surdos.⁷ (LOUREIRO, 2004, P. 138 *apud* DALLAN e MASCIA, 2012, p. 35).

O poder de valia da Escrita de Sinais também se estende à facilitação da aquisição da língua portuguesa escrita como segunda língua dos surdos, em contexto de ensino bilíngue. Isto significa que, se o aluno surdo tem maior dificuldade para entender o significado de muitas palavras em português, isto se dá porque lhe falta o referencial da escrita da sua L1, a LIBRAS (ALVES, 2013).

A evidência científica deste fato está na constatação que Loureiro (2004) alcançou na oportunidade em que desenvolveu um trabalho de pesquisa, envolvendo o processo de apropriação da escrita da LS e escrita da língua portuguesa. Tal constatação corresponde ao resultado de que ao produzir textos em Escrita de Sinais os alunos não apresentam problemas gramaticais relacionados à coerência e à coesão textual, diferentemente do que ocorre quando escrevem em língua portuguesa (DALLAN e MASCIA, 2012).

Endossando-se o posicionamento pessoal de Stumpf (2002), julga-se sensato aliar-se ao pensamento dos surdos do Brasil para se defender as ideias da autora quando esta diz que

⁷ O emprego da letra S maiúscula denota uma visão política sobre a surdez, no sentido de compreender o Surdo como sujeito que tem seus direitos linguísticos, sociais, educacionais e culturais próprias e diferentes dos ouvintes.

as escolas de surdos precisam colocar rapidamente a escrita de sinais no currículo, pois suas aulas proporcionam oportunidades importantes para os surdos de aprender também língua de sinais. Exercitamos muitas aprendizagens de sinais quando procuramos pela melhor grafia de um sinal. (STUMPF, 2002:65 *apud* PONTIN e SILVA, 2010).

Consoante com os demais surdos, também se ressalta concordância com o pensamento da autora Surda supracitada, quando esta declara que

a escrita de sinais está para nós, surdos, como uma habilidade que pode nos dar muito poder de construção e desenvolvimento de nossa cultura. Pode nos permitir, também, muitas escolhas e participação no mundo civilizado do qual também somos herdeiros, mas do qual até agora temos ficado à margem, sem poder nos apropriar dessa representação. Durante todos os séculos da civilização ocidental, uma escrita própria fez falta para os surdos sempre dependentes de escrever e ler em outra língua, que não podem compreender bem, vivendo com isso uma grande limitação. (STUMPF, 2002, *apud* RIBEIRO, sem data).

Mediante o reconhecimento dos benefícios já referidos, ocasionados pela experiência pedagógica com escrita de sinais, ressalta-se que a realidade de ensino inclusivo aos surdos nos dias atuais requer intensificação de esclarecimentos (aos professores e aos alunos das licenciaturas) sobre a importância do ensino e aprendizagem da LIBRAS na educação básica, sob o pressuposto de que, quanto mais se permite aos surdos aprender a ler e a escrever na LIBRAS e na língua portuguesa, mais se colabora para a efetivação de um bilinguismo mais pleno.

Conclusão

Mediante o que foi descrito, neste espaço, sobre Escrita de Sinais, vale dizer que os surdos precisam de uma escrita, que represente os sinais que constituem a sua língua, uma vez que é através desses sinais visuais-espaciais que se comunicam.

Além disso, a influência benéfica que o conhecimento linguístico da LS ocasiona na aprendizagem do surdo, em relação aos atos de leitura e de escrita de textos produzidos na língua oral escrita, é explicada pela lógica decorrente do fato de que o conhecimento prévio que o surdo tem de mundo é captado e transmitido pela LS. Isto significa que é pelo uso desta língua, que a compreensão do texto torna-se possível, já que, longe de ser uma mera recepção passiva, a leitura torna-se uma atividade caracterizada pela participação e uso do conhecimento linguístico, textual e de mundo, que é ativado com a LS, durante a comunicação gestual e escrita, que se dá entre os interlocutores.

Diferentemente do que se costuma presenciar nas escolas brasileiras, no que concerne ao privilégio que o ensino atribui à língua oral e ao português escrito, a proposta bilíngue, que precisa ser inerente ao ensino inclusivo, aos alunos surdos não estabelece o privilégio da LO, mas das duas línguas (oral e gestual). Isto acontece porque, na perspectiva bilíngue, o objetivo é garantir ao leitor surdo o direito e a condição de ser capaz de utilizar as duas línguas, escolhendo qual lhe é mais conveniente em cada situação sociolinguística em que precisa estar, num e noutro momento da sua vida cotidiana.

A aprendizagem de uma língua requer a percepção das peculiaridades culturais, uma vez que envolve a habilidade de atribuir significações ao mundo através da linguagem. Esse reconhecimento expande a concepção de que a língua permite ao ser humano compreender o mundo, já que é através dela que se atribui significações ao mundo. Por outro lado, essas significações são construídas mediante peculiaridades culturais percebidas, pois são as experiências cotidianas que constituem o conhecimento cognitivo e o subjetivo de cada pessoa.

Durante a prática do ensino bilíngue para os surdos precisa-se aceitar a surdez sem a preocupação de acionar dispositivos em prol de transformações culturais e de identificação do sujeito surdo. Essa preocupação precisa estar voltada para a intenção de organizar situações nas quais o aluno surdo adquira sua LS também na modalidade escrita para que este se desenvolva plenamente.

Referências

ALVES, Kledson de Albuquerque. **Escrita de Sinais**: uma prioridade que não pode ser relegada. 2013. Fls. 83. Trabalho de Conclusão de Curso, para o Curso de Letras/Libras, UAB, Ambiente Virtual de Aprendizagem da UFPB. João Pessoa, defendida em novembro de 2013.

BART, Creice. **Construção da leitura/escrita em Língua de Sinais de crianças surdas em ambientes digitais**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestrado em Educação. Porto Alegre, 2008 (141f.) Disponível em:

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/17610/000721258.pdf?sequence=1> (Acesso realizado em 03/07/2015).

CAPOVILLA, Fernando César, Walkiria Duarte Raphael. Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trinlíngüe da Língua de Sinais Brasileira, Volume II: sinais de M a Z. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

DALLAN, Maria Salomé Soares. **Signwriting**: escrita visual para língua de sinais – o processo de sinalização escrita. II Congresso Nacional de Surdez – São José dos Campos-São Paulo, 23 de maio de 2009. Disponível em http://escritades.dominiotemporario.com/doc/SIGNWRITING_ARTIGO.pdf . (Acesso realizado em 27 de abril de 2015).

DALLAN, Maria Salomé Soares e MASCIA, Márcia Aparecida Amador. A escrita em sinais: uma escrita própria para a LIBRAS. In: LINS, H. A. de M. (org.). **Experiências docentes ligadas à educação de surdos**: Aspectos de formação. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica, 2012.

FERNANDES, Eulália; RIOS, Kátia Regina. Educação com bilingüismo para crianças surdas. Intercâmbio.

São Paulo: PUCSP, v. II, p. 13-21,1998. Disponível em <www2.lael.pucsp.br/intercambio/07fernandes-rios.ps.pdf> Acesso em: 10 mar. 2008.

FERNANDES, Eulália. Educação Bilíngüe para Surdos: desafios à Inclusão. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 2006. Disponível em: <http://www.diadiaeducacao.pr.gov.br/portals/portal/intitucional/dee/deesurdez.php>

KLIMSA, Bernardo Luís Torres; SAMPAIO, Maria Janaína Alencar e KLIMSA, Severina Batista de Farias. Escrita de Sinais I. In: FARIA, Evangelina Maria Brito de e ASSIS, Maria Cristina de, (organizadoras). **Língua Portuguesa e Libras**: teorias e práticas Vol.4 – João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011,p. 225-304.

LOUREIRO, C.B.C.L. **Processo de apropriação da escrita da Língua de Sinais e escrita da língua portuguesa**: informática na educação de surdos. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

NETA, Maria do Carmo Melo Aguiar e FARIA, Evangelina Maria Brito de. Aquisição da Escrita em Crianças Surdas: singularidades no caminho do letramento. **Anais do X**

Encontro de Iniciação á Docência. UFPB – PRG. Realizado no período de 02 a 04 de dezembro de 2009. Disponível em

www.prac.ufpb.br/anais/IXEnex/iniciacao/documento/anais/4.EDUCACAO/4CCHLADL_CVPLIC07.pdf . (Acesso realizado em 26 de abril de 2015).

PONTIN, Bianca Ribeiro e SILVA, Erika Vanessa de Lima. Língua Escrita: português/sinais (SW). **Anaisdo IX Encontro do CELSUL**. Palhoça, SC, out. 2010. Universidade do Sul de Santa Catarina.

QUADROS, R. M. A alfabetização e o Ensino da Língua de Sinais. Canoas; **Textura**, Nº, 3, p. 53-62, 2000.

RIBEIRO, Sérgio. **Escrita de Sinais – Por que não?** (S/D) Disponível em <http://editora-arara-azul.com.br/novoeaa/revista/?p=67> (Pesquisado em 24 de abril de 2015)

STUMPF, Marianne Rossi. Transcrições de língua de sinais brasileira em SignWriting. In Lodi, Ana Cláudia B. "(Org) Letramento e minorias. Porto Alegre. Editora Mediação, 2002.

STUMPF, Marianne Rossi. SignWriting: por uma escrita funcional para o surdo. In: THOMA, Adriana da Silva LOPES, Maura Corcini (orgs.). A Invenção da Surdez: Cultura, Alteridade, Identidade e Diferença no Campo da Educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. p. 143–159.

_____. Aprendizagem da escrita de língua de sinais pelo sistema de Sign Writing: língua de sinais no papel e no computador. Tese de Doutorado. Porto Alegre, UFRGS, 2005.

_____. Escrita de Sinais I. Apostila do Curso de Licenciatura Letras /LIBRAS da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, UFSC: 2007.

VIGOTSKI, L. S. Pensamento e Linguagem. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.